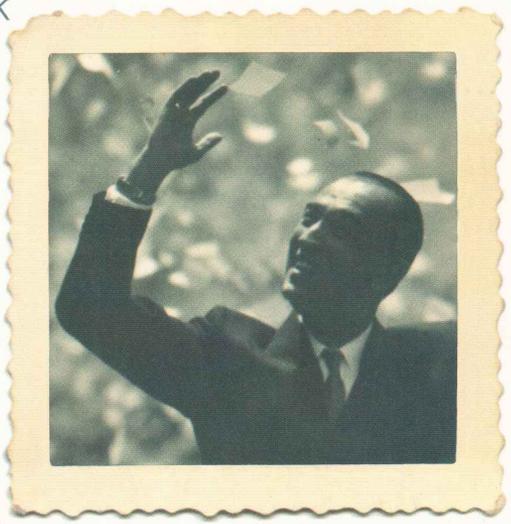




				R	I	A		J	K
	E		O		I		L		K
M	E	M	O	R	I	A			
			O		I		L	J	K
	M	O	R						K
M	M		R	I	A	L		J	
M	E		O	R	I		L	J	K
		M	O		I	A		J	K
M	E		O	R	A	L			K
	E	M		R			L	J	K
M	E	M	O	R	I	A	L	J	K







apresentação	1
sarah kubitschek	3
trabalho social	5
família	7
os anos de exílio	9
retorno à Brasília	11
memorial JK	13
a campanha	15
os construtores	17
a construção	19
inauguração	21
memorial hoje	23

CRÉDITOS

Bibliografia

- HELIODORO, Afonso. O Memorial JK – um monumento e centro de cultura. Brasília: Verano Editora & Comunicação Ltda. 1996.
- VASCONCELOS, Ivam. Pioneiras Sociais. CORREIO BRASILIENSE. 03/01/1991.
- JORNAL DE BRASÍLIA. 23/01/1991.
- REVISTA MANCHETE. nº 1432, 29/09/1979.
- REVISTA ISTOÉ. nº 1535, 29/09/1979.
- CADERNO CULTURAL. Departamento de Imprensa Oficial, ano II, nº 7, setembro 1988.

Entrevistas

- Srª Cirlene Ramos Luciano
Srª Palmerinda Donato

Fotografias

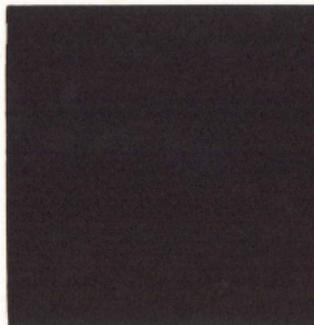
- Paulo MacDowell: págs. 12, 19 e 22.
Regina Santos: págs. 8, 10 e 14.
CEDOC/UnB: pág. 8

Pesquisa e textos

- Maria Goretti Vieira Vulcão

Projeto gráfico e arte-finalização

- Márcio Duarte Macedo



"Nos momentos mais decisivos da minha vida sempre contei, ao meu lado, com a presença da minha família"

Juscelino Kubitschek



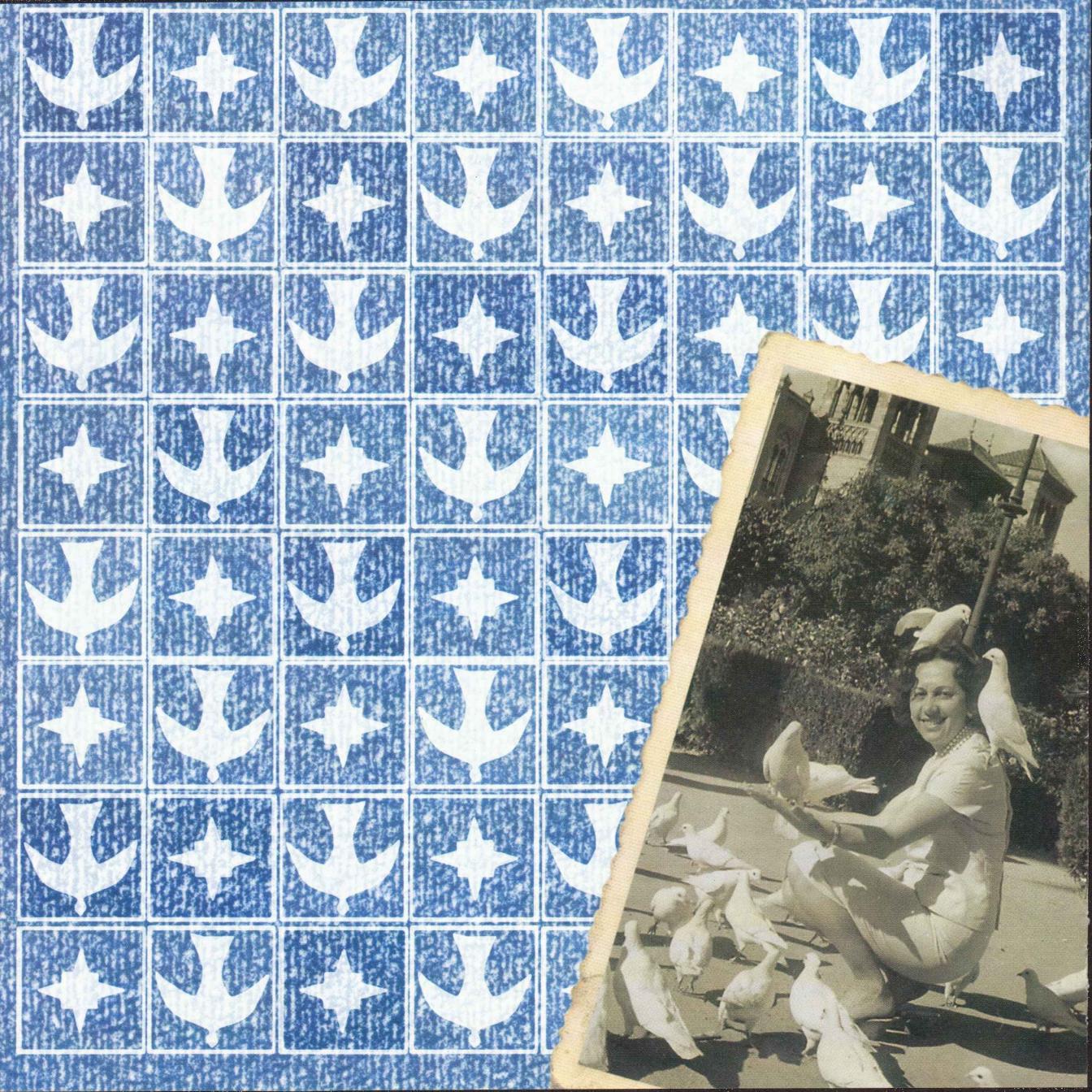
APRESENTAÇÃO

O FUNDADOR



Desde 12 de setembro de 1981, quando foi inaugurado, o Memorial JK vem cumprindo com dedicação e competência suas três maiores finalidades: reviver a história de Juscelino Kubitschek, possibilitar a visita de seu túmulo e divulgar seus ideais democráticos. • Contudo, o aspecto mais surpreendente e comovente da construção da história do Memorial está no fato de ele ter sido erguido a partir de um somatório de esforços de diferentes segmentos – amigos, admiradores, desde as camadas mais humildes da sociedade, até os mais altos escalões do governo e representantes das mais diversas tendências da política brasileira. • Sob a batuta vigilante de D. Sarah, o povo brasileiro uniu-se para homenagear um político que soube transformar em ações seus lemas de campanha. Identificado pela população como símbolo de modernidade, integridade e conciliação, Juscelino Kubitschek acreditava na possibilidade real de uma sociedade democrática, na qual a liberdade fosse exercida sem constrangimentos.

O projeto • “De longe, a primeira coisa que surge é a figura de JK, suspensa sobre a cidade que criou em pleno cerrado. Depois o corpo baixo e extenso do Memorial e a cúpula protetora da Câmara Mortuária. • Devagar, o visitante desce pela rampa que conduz ao hall inferior onde ficam a administração, a biblioteca, a sala de metas, o balcão de informações, a venda de livros, as fotos, os filmes, etc. Se ele veio de carro, o percurso é idêntico e, nesse mesmo hall, vai descer, seguindo o veículo para o estacionamento. Pela escada de acesso, o visitante atinge o Memorial propriamente dito e nele se detém, surpreso com o ambiente de sombra inesperado. • À esquerda, fica a Câmara Mortuária. • É um momento de pausa e respeito que vai marcar sua visita. Um salão circular com dez metros de diâmetro, revestido com placa de granito, tendo no centro o túmulo do ex-presidente, que um belíssimo vitral de Marianne Peretti ressalta e ilumina. • Comovido, o visitante sai da Câmara Mortuária que um painel de Athos Bulcão compõe externamente, penetrando nos setores destinados à memória de JK. São roupas, comendas e medalhas, fotos e correspondência, coisas acessórias que o acompanharam por toda a vida. É a história de JK que diante dos visitantes se reconstitui. • De sua meninice em Diamantina ao desastre fatal que o levou para sempre. • Emocionado, o visitante retorna ao grande hall ou, se o programa do dia estabelece, segue para o auditório para assistir a uma conferência ou a um filme referente ao ex-presidente. • A visita terminou e o visitante desce o hall de entrada. Já no exterior, ele se volta com certeza. Quer ver de longe o Memorial, a figura de JK que, sorridente, dele parece se despedir.” • Oscar Niemeyer



SARAH KUBITSCHKEK

A mocidade • Nascida em Belo Horizonte, Sarah Luiza Gomes de Lemos teve uma infância normal como ela mesma definia, filha do deputado Jayme Gomes de Souza Lemos e de Dona Luizinha Negrão de Lemos. Costumava freqüentar as habituais festas nos grupos escolares da capital mineira. Foi em uma festa no grupo Barão de Macaúbas que o jovem médico de 24 anos, Juscelino Kubitschek, pediu para ser apresentado à jovem Sarah, então com 18 anos. Eles começaram a namorar ali mesmo, depois de uma animada noite de muita dança. Após o noivado, o jovem médico urologista decidiu romper o relacionamento e viajar para a Europa, onde faria um curso de especialização e

reavaliaria suas metas para o futuro. Depois de alguns meses doloridos para D. Sarah, quando o navio que trazia Juscelino de volta para casa atracou no cais, lá estava ela, firme em seu propósito de acompanhar o homem que escolhera. Quem poderia resistir a tanta determinação! Eles reataram o namoro e acabaram se casando no dia 31 de dezembro de 1930, na Igreja Nossa Senhora da Paz. Um dia, ao chegar a casa após um dia clinicando, o doutor Juscelino contou à esposa que recebera um convite para entrar na política. D. Sarah passou a noite inteira chorando. Quando amanheceu, ela enxugou as lágrimas e incentivou o marido a aceitar a chefia de Gabinete do Governo do Estado de Minas.

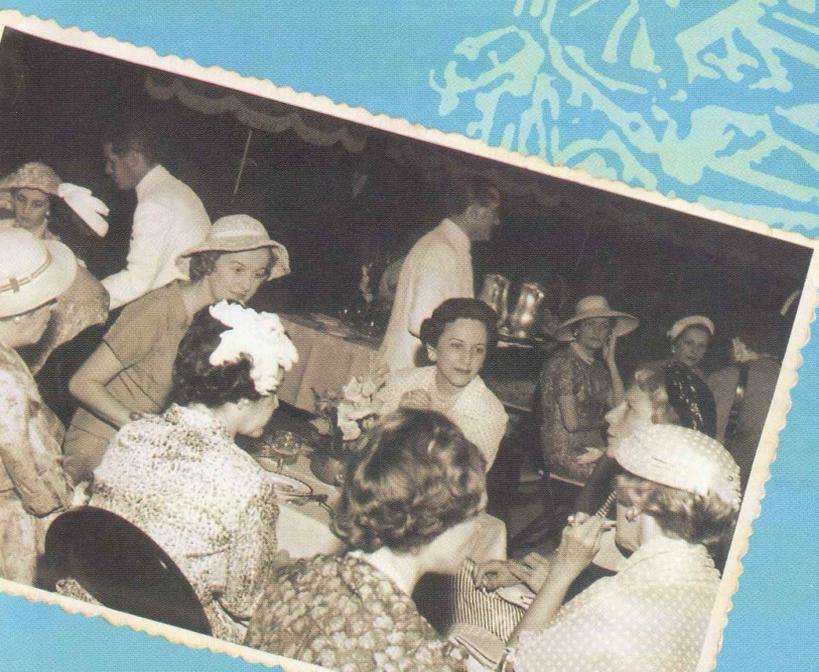


**“UM MOMENTO DE GRANDE EMOÇÃO
FOI O DIA EM QUE O NIEMEYER ME
MOSTROU A MAQUETE DO MEMORIAL
JK, UMA SEMANA DEPOIS DE EU TER
APRESENTADO A ELE A MINHA IDÉIA.”**

SARAH KUBITSCHKEK

"A ASSISTÊNCIA SOCIAL NÃO
RESOLVE OS PROBLEMAS
DE FORMA TOTAL. MAS É UM
DEVER A GENTE FAZER O
POSSÍVEL, A FIM DE
AMPARAR OS MAIS
NECESSITADOS. IDEAL SERÁ
QUE UM DIA DELA NINGUÉM
VENHA A PRECISAR. ENTÃO,
O MUNDO TERÁ
ENCONTRADO SEU
EQUILÍBRIO ESPIRITUAL E
MATERIAL."

SARAH KUBITSCHK



Pioneiras sociais • Quando, em 1951, Juscelino Kubitschek assumiu o governo de Minas Gerais, D. Sarah deu início a sua importante missão: realizar a mais ampla e intensa assistência social às classes menos favorecidas. Atendeu a milhares de pessoas, oferecendo escolas, médicos, dentistas, remédios, alimentos, roupas e agasalhos. Logo que Juscelino chegou à Presidência da República em 1956, D. Sarah vislumbrou a possibilidade de ampliar significativamente sua obra; reuniu suas amigas e criou a Associação das Pioneiras Sociais. Os dias entravam pela noite, o repouso encurtava. D. Sarah convocava embaixatrizes para participar de seu programa, empresas para o fornecimento de recursos e toda uma legião de pessoas das mais diversas áreas dedicadas ao programa por todo o país. Da Alemanha e dos Estados Unidos importaram-se hospitais volantes dedicados à assistência

médico-dentária, um programa conhecido como "Saúde sobre Rodas". O padrão de ensino das Pioneiras Sociais fazia com que suas escolas fossem intensamente procuradas pelos pais de alunos. Em 1959, D. Sarah e seus colaboradores colocaram sobre as barrentas águas do rio Amazonas, no extremo norte do país, uma lancha-hospital importada da Alemanha, para atender a população ribeirinha, fazendo operações, partos, atendimento dentário. Em homenagem à sua mãe, falecida por causa de um câncer, D. Sarah engajou-se na luta contra a doença, criando no Rio de Janeiro, em 1957, o Centro de Pesquisa Luíza Gomes de Lemos, voltado ao trabalho de medicina preventiva, atendendo mulheres de diferentes faixas etárias, procurando oferecer também auxílio psicológico às pacientes. Na capital mineira, berço das Pioneiras Sociais, D. Sarah conseguiu construir um belo conjunto hospitalar,

planejado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, muito bem equipado com modernas salas de operações, departamentos de radiologia, oncologia, pediatria, entre outros, além de creche, biblioteca, restaurante e auditório. Em Brasília, além de erguer seu edifício-sede, as Pioneiras Sociais inauguraram junto com a cidade, em 21 de abril de 1960, o Centro de Reabilitação destinado à recuperação dos incapacitados físicos, equipado com o que havia de mais moderno na área. Hoje o Centro transformou-se em uma Rede Nacional de Hospitais do Aparelho Locomotor coordenada pelo hospital-sede de Brasília. A Rede é considerada modelo de assistência pública de saúde, atendendo ricos e pobres, como o direito de cidadania. Com sua elegância e aparente fragilidade, D. Sarah percorreu o Brasil de norte a sul. Reunindo pessoas, abrindo portas e possibilidades, carregando sempre um sorriso amável e uma paciência obstinada.



"COMO MULHER EU SENTIA
SOLIDÃO, E ELE COMPREENDIA
ISSO. MAS EU TINHA UM TAL
ENTUSIASMO PELA OBRA QUE
ELE ESTAVA REALIZANDO, UMA
TAL COMPREENSÃO PELA
MISSÃO QUE ELE ESTAVA
DESEMPENHANDO, QUE SUPRIA
AQUELE VAZIO QUE EU SENTIA."

SARAH KUBITSCHKE

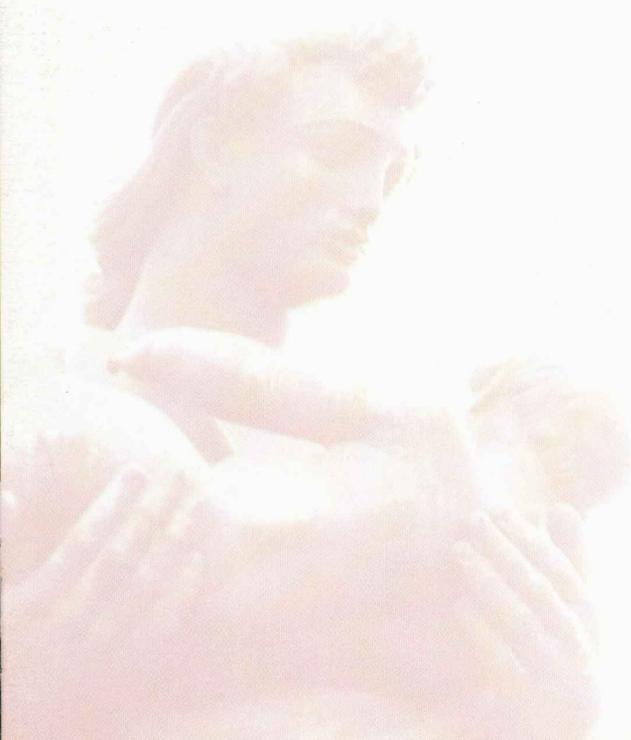
Flores para as mães
são mais do que um
seu merecem receber os
plausos dos que a co-
licença. Mãe incansável
aquel. A vida real
delas. A vida real
efeita. Que Deus
sorrisse a quem
equa dos que...

FAMÍLIA

D. Sarah era uma mulher extrovertida, comunicativa, atenciosa, mas, como boa mineira, escolhia criteriosamente as pessoas para as confidências, reservava à família a sua intimidade e dela buscava energia e vitalidade.

Tendo tido dificuldades para engravidar após o nascimento de Márcia, sua primeira filha, decidiu adotar Maria Estela, que, aos 15 anos, por meio de uma lei assinada por JK, pôde enfim usar o sobrenome da família.

Mãe atenta e dedicada, D. Sarah esteve sempre presente na vida das filhas, porém seu espírito maternal, protetor, envolvia não só seus familiares, mas todos os que gravitavam à sua volta.





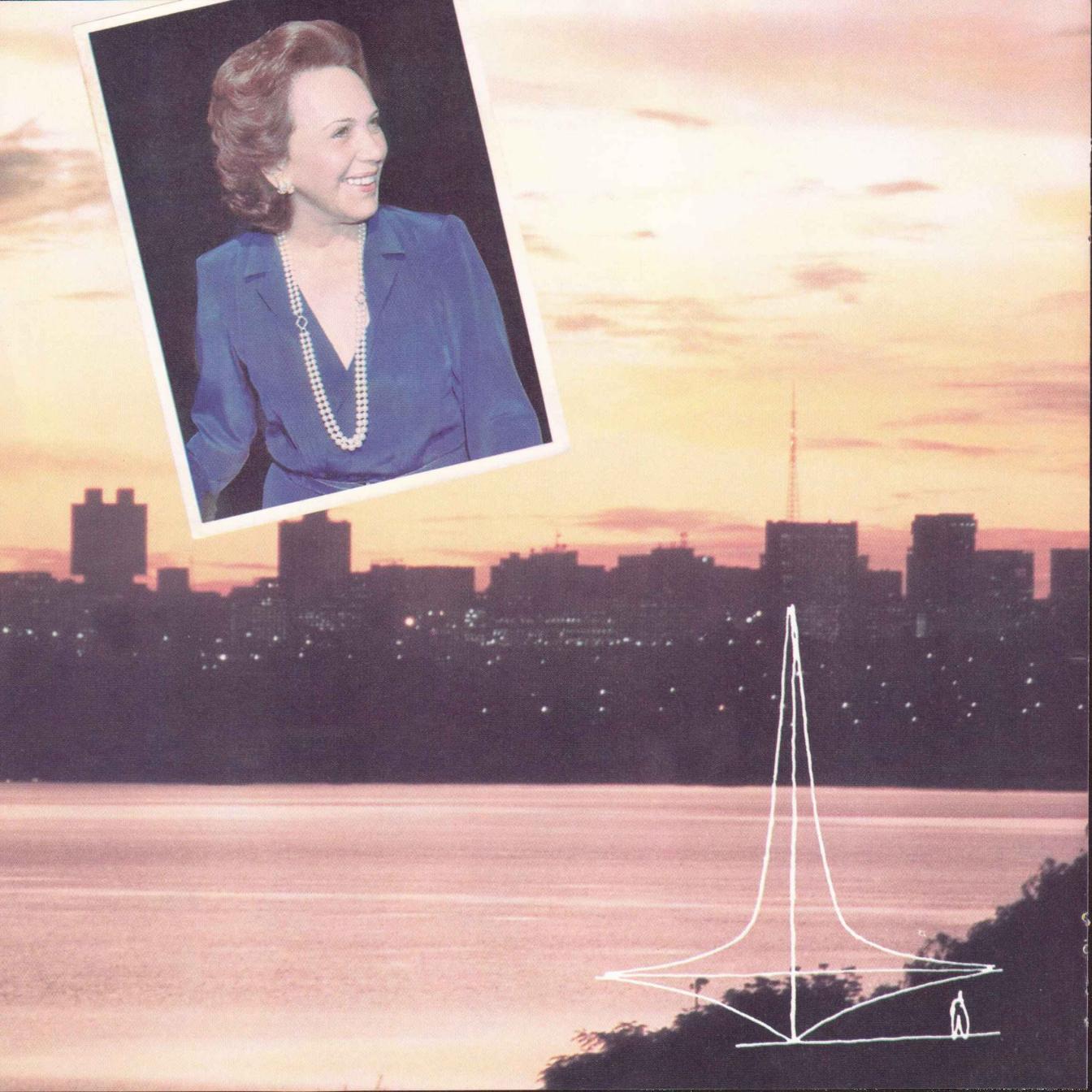
OS ANOS DE EXÍLIO



Com o golpe militar de 1964, o então senador por Goiás, Juscelino Kubitschek, teve seus direitos políticos cassados, tendo de deixar o seu querido país por três longos e dolorosos anos de exílio em Lisboa, Nova York e Paris. Um castigo cruel imposto a um homem que só pensava no Brasil. É nesse momento que D. Sarah demonstra sua verdadeira face, mais forte, mais valente do que nos tempos de campanhas eleitorais ou na época dos palácios. Exilada em um país estrangeiro e frio, ela agora era responsável por todo o serviço doméstico de um pequeno apartamento de dois quartos, firme, solidária, ao lado do marido, apresentando uma tranqüilidade que ela não possuía. D. Sarah apoiou o marido na perigosa decisão do ex-presidente de retornar ao Brasil por ocasião da morte de Naná, sua única irmã. Aceitou aquela prova com toda dignidade.

**“PERDI A CERIMÔNIA COM OS POBRES DOS
GUARDAS QUE FICAVAM ESPANTADOS COM
MINHA MANEIRA DE FALAR. DURANTE ESSE
PERÍODO ENLOQUECI VÁRIAS VEZES.”**

SARAH KUBITSCHKEK



RETORNO A BRASÍLIA

**"A IDADE SÓ EXISTE QUANDO
VOCÊ SE COMPENETRA NELA,
E EU TENHO UMA
DISPOSIÇÃO DE JOVEM."**

SARAH KUBITSCHEK



Depois da morte do marido em um terrível acidente de automóvel na Via Dutra em 1976, D. Sarah dedicou-se de corpo e alma à luta pela construção do Memorial JK, em Brasília. Começada a empreitada, acompanhou de perto cada etapa da construção. Em 1991, quando sua filha Márcia foi eleita vice-governadora do Distrito Federal, D. Sarah fechou seu apartamento no Rio de Janeiro e mudou-se em definitivo para a cidade que ajudou a construir. Mais uma vez, ela via sua vida atrelada à vida política de Brasília e do Brasil.

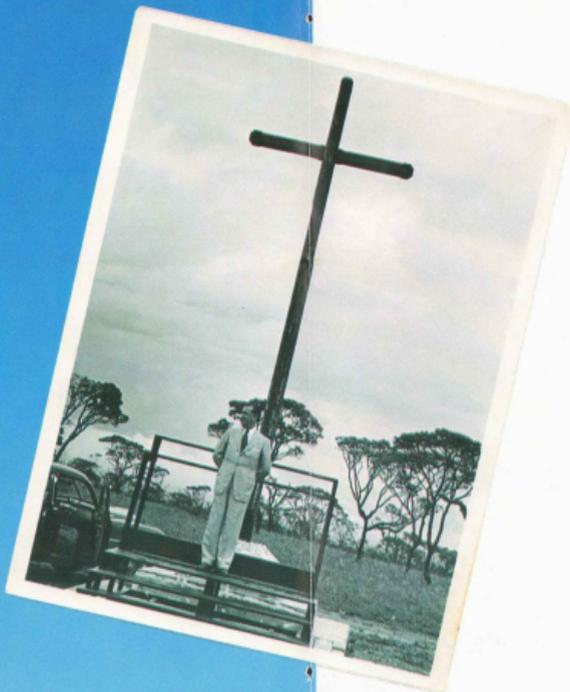
Além de ajudar a carreira política da filha, D. Sarah, que já era presidente do Memorial JK, pôde participar efetivamente do trabalho na instituição, na qual ela continuaria a exercer seu papel de primeira-dama, com toda a elegância e o carisma que sempre marcaram sua personalidade. Os visitantes do Memorial sentiam-se muito honrados em ser recebidos por D. Sarah. Era uma rotina muito alegre e festiva que ela manteve até as vésperas de sua morte, em 4 de fevereiro de 1996.



PRAÇA DO CRUZEIRO

O LOCAL ESCOLHIDO PARA A CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL JK NÃO PODERIA TER SIDO MAIS OPORTUNO. ELE SERIA CONSTRUÍDO NA PRAÇA DO CRUZEIRO, ONDE, EM 1957, FOI CELEBRADA A 1ª MISSA EM BRASÍLIA, ANTES MESMO DA CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPITAL. EM UM DOS PONTOS MAIS ALTOS DA CIDADE, NUMA ÁREA DE 25.000 M², O MEMORIAL É UMA JÓIA DE ARQUITETURA, SÓBRIA E DIGNA DE SEU PATRONO.

MEMORIAL JK



A proposta • Um mês após a morte de JK, D. Sarah resolveu que algo precisava ser feito para preservar a memória do homem que se impunha pelo exemplo, por suas obras e por seus ideais democráticos. Merecendo ser lembrado, estudado, perpetuado pelas novas gerações. Convicta do dever de tornar realidade seu ideal, D. Sarah pôs-se a campo para adquirir em Brasília um terreno onde construiria um monumento em memória de seu ilustre marido, de tal forma que servisse não somente como mausoléu dos restos mortais do presidente e museu constituído de peças e documentos de sua vida, mas também como um motivador cultural dinâmico, promovendo ciclos de palestras, estudos e recitais de arte, bem à personalidade de JK.

O terreno • Durante uma audiência com o presidente João Figueiredo, o cantor e seresteiro Sílvio Caldas, velho amigo da família Kubitschek, informou a ele sobre a luta de D. Sarah e sobre as dificuldades que ela vinha encontrando para conseguir erguer o tão sonhado Memorial. O presidente, sensibilizado, dispôs-se a ajudar e a receber D. Sarah, que não perdeu tempo e logo tomou as providências para a audiência. No dia 18 de julho de 1979, D. Sarah foi recebida no Palácio do Planalto pelo presidente Figueiredo, o qual na mesma ocasião, autorizou a escolha e a doação do terreno para a concretização do sonho daquela mulher tão determinada. Ao final da audiência, segura de que conseguiria erguer rapidamente o Memorial, D. Sarah marcou a data de sua inauguração para o dia 12 de setembro de 1981, data do aniversário natalício de JK.



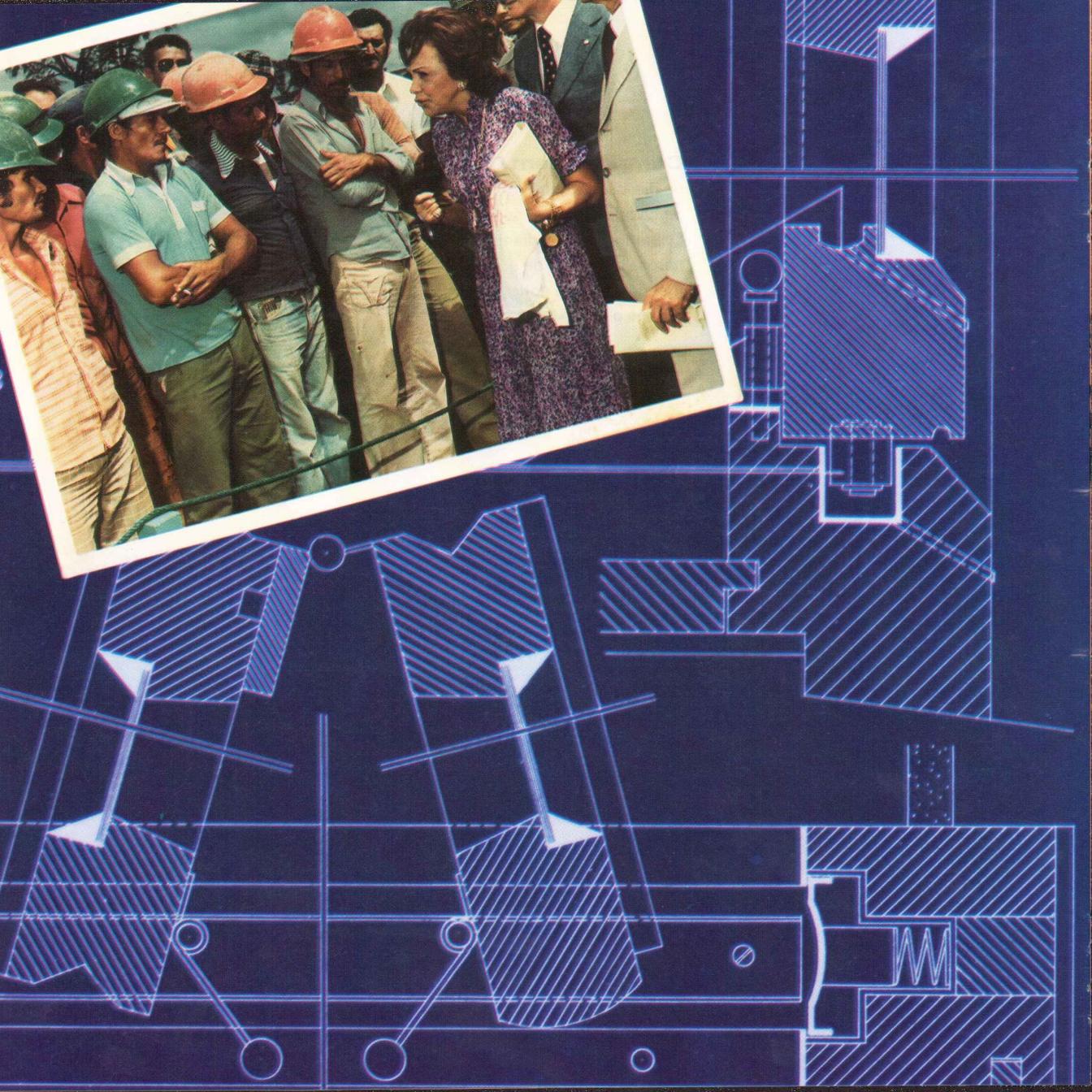
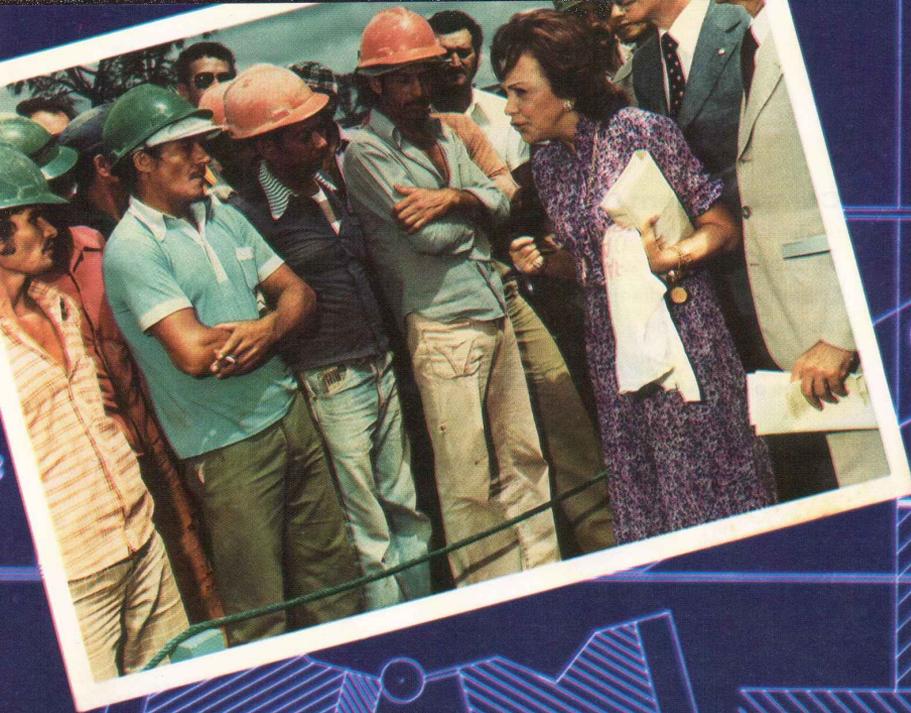
A CAMPANHA DE DOAÇÕES

Campanha em Diamantina • Em Diamantina, cidade natal de JK, no dia 12 de setembro, dia em que ele completaria 77 anos, a campanha foi lançada, ao som de serenatas. Rodeada por políticos, amigos e familiares, D. Sarah estava radiante e emocionada com a participação espontânea e generosa do povo – de quem JK tanto se orgulhava – nas festividades, transformando o dia e a noite numa única serenata que só acabou quando brilharam os primeiros raios do sol.

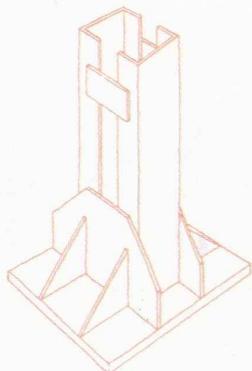


1ª COMISSÃO

CONSTITUI-SE, ENTÃO, A PRIMEIRA
COMISSÃO PARA A CONSTRUÇÃO
DO MEMORIAL JK, PRESIDIDA POR
SARAH KUBITSCHEK E COMPOSTA
POR ADOLPHO BLOCH, MÁRCIA
KUBITSCHEK, MARIA ESTELA
KUBITSCHEK LOPES, RODRIGO DE
PÁDUA LOPES, OSWALDO MAIA
PENIDO E VICTOR NUNES LEAL.
A COMISSÃO LANÇA UMA
CAMPANHA POR TODO O PAÍS,
DESTINADA A ANGARIAR DOAÇÕES
E RECURSOS PARA A CONSTRUÇÃO
DO MEMORIAL EM BRASÍLIA.



OS CONSTRUTORES



Grande admirador de Juscelino Kubitschek, o engenheiro Sérgio Gomes de Vasconcellos, presidente da construtora Sergen, escreveu uma carta a Adolpho Bloch oferecendo todo o cimento necessário à execução das fundações do monumento. Diante da oferta generosa da Sergen, a construtora foi convidada a administrar a obra e a concluir a construção do Memorial. O convite foi aceito na condição de que a construtora não recebesse nenhum centavo de lucro pela obra. Cláudio Andrade Frois, engenheiro-residente, e Jorge de Souza, assistente-técnico dos projetos, impuseram um ritmo acelerado à construção, no intuito de fazer cumprir o compromisso firmado por D. Sarah para a inauguração.



EM UMA EMOCIONADA CERIMÔNIA NO PALÁCIO DO BURITI, NO DIA 22 DE AGOSTO DE 1979, O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, AIMÉ ALCEBIADES LAMAISSON, FEZ A ENTREGA OFICIAL DO TERRENO ONDE SERIA CONSTRUÍDO O MEMORIAL. NO MÊS SEGUINTE, O GOVERNADOR DECRETOU QUE NO DIA 12 DE SETEMBRO, DATA DE ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO EX-PRESIDENTE, SERIA INSTITUÍDO O "DIA DO PIONEIRO".



A CONSTRUÇÃO

O MONUMENTO TEM 120 METROS DE COMPRIMENTO, 32 METROS DE LARGURA E UM PEDESTAL DE CONCRETO ARMADO MEDINDO 28 METROS DE ALTURA, DE ONDE SAI UMA GRANDE MÃO DE CONCRETO EM FORMA DE CONCHA QUE PROTEGE A ESTÁTUA EM BRONZE, FEITA POR HONÓRIO PEÇANHA, DE ONDE O PRESIDENTE JUSCELINO ACENA PARA A CIDADE. O VERDE DOS JARDINS, OS ESPELHOS D'ÁGUA E AS RAMPAS DE ACESSO EMOLDURAM O EDIFÍCIO, TODO EM MÁRMORE BRANCO. DE FORA SE VÊ SOB O CORPO BAIXO DO MEMORIAL A CÚPULA PROTETORA DA CÂMARA MORTUÁRIA.

O Memorial JK foi construído em apenas 17 meses, em um ritmo que lembrava a construção de Brasília. Possui uma área construída de 5.784 metros quadrados, onde foram utilizados 4.560 quilos de arame recozido, 5.800 metros cúbicos de areia, 64 mil sacas de cimento, 5 mil metros cúbicos de brita, 400 quilos de ferro, 5 mil chapas de compensado, 6 mil metros quadrados de mármore, 5 mil metros quadrados de granito, 104 mil pontalotes, 1.300 metros quadrados de tapetes, 68 mil metros quadrados de tábuas, 3 mil sacas de gesso, 13 mil quilos de pregos, 2.300 metros quadrados de grama.



EXUMAÇÃO

NO DIA 10 DE SETEMBRO DE 1981, NO CEMITÉRIO CAMPO DA ESPERANÇA, FOI FEITA A EXUMAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS DO PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHKE. ESSE ATO INICIA OFICIALMENTE A SOLENIDADE DE INAUGURAÇÃO DO MEMORIAL.

TRASLADO

NO DIA SEGUINTE, O CORPO DO EX-PRESIDENTE É LEVADO PARA O SALÃO NEGRO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, ONDE PASSOU A NOITE SOB VIGÍLIA.

NO DIA 12 DE SETEMBRO, O CORTEJO DEIXA A CÂMARA DOS DEPUTADOS E DESFILA PELA PRAÇA DOS TRÊS PODERES. AO LONGO DO EIXO MONUMENTAL, O POVO DE BRASÍLIA ACENA EMOCIONADO, EM UM ÚLTIMO ADEUS AO SEU GRANDE LÍDER FUNDADOR.

NA CHEGADA DO CORTEJO AO MEMORIAL, REPRESENTANTES DAS TRÊS ARMAS - MARINHA, EXÉRCITO E AERONÁUTICA - HOMENAGEIAM O GRANDE CHEFE DE ESTADO COM 21 TIROS DE CANHÃO.



A missa rezada pelo Arcebispo de Brasília, Dom José Newton, teve a participação especial da Orquestra Sinfônica de Brasília, do coro e de uma belíssima interpretação da solista Maria Lúcia Godoi.

Os restos mortais do ex-presidente foram depositados definitivamente no ataúde negro, enquanto soava triste e melancólico o toque de silêncio do clarim de um fuzileiro naval. Emocionada, D. Sarah via seu sonho realizado, um monumento à concórdia, ao entendimento, como um marco da abertura política que o país procurava. Mais uma vez o espírito democrático de JK produzia momentos de sublime sabedoria.





2 andar superior

CÂMARA MORTUÁRIA

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

andar térreo 1

RECEPÇÃO • GALERIA

GALERIA

SALA DE METAS

AUDITÓRIO

BIBLIOTECA

VÍDEOS

GABINETE DE D. SARAH

SALA DE PESQUISA

CAFÉ

SOUVENIRS

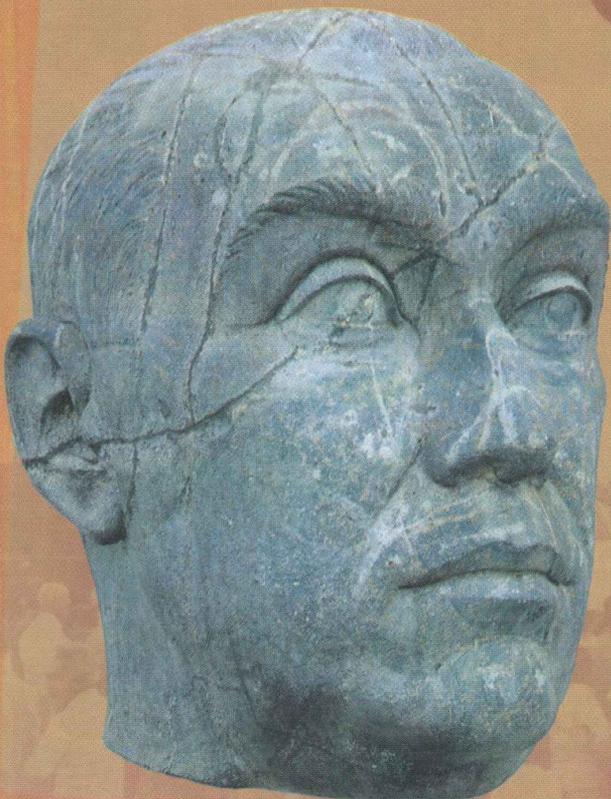
HOMENAGEM A D. SARAH

“ÀQUELA QUE FOI, COM DIGNIDADE,
GRAÇA E DEDICAÇÃO, A PRIMEIRA
DAMA DE BELO HORIZONTE, DE
MINAS E DO BRASIL”
JUSCELINO KUBITSCHKEK

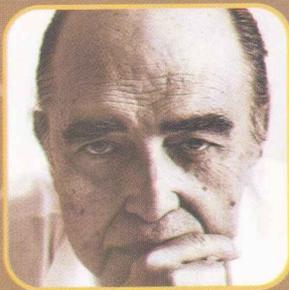
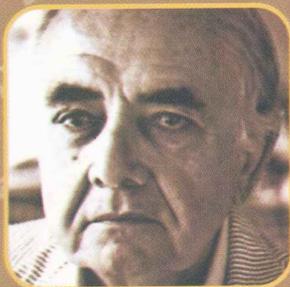
O Memorial JK está hoje sob a direção da terceira geração da família Kubitschek. A neta de JK e de D. Sarah, Anna Christina Kubitschek B. A. Pereira, assumiu a Presidência da instituição em outubro de 2000, após a morte de sua mãe, Márcia Kubitschek, que manteve, à frente do Memorial, o mesmo vigor e dedicação de D. Sarah. Tendo herdado a meiguice terna e o espírito construtivo do avô, aliado ao dinamismo da avó, Anna Christina tem se empenhado no trabalho de divulgação não só da vida e dos ideais políticos de Juscelino Kubitschek, mas também da construção de Brasília e do desenvolvimento político e econômico da região Centro-Oeste. Além de todo o material disponível para pesquisa no Memorial, o visitante é sempre recebido e tratado com todo cuidado, respeito e elegância, marcas constantes de D. Sarah.



Zum, Zum, Zum • lá no meio do mar • É o vento que nos atrasa • É o mar que nos
atrapalha • Para no porto chegar • Como pode o peixe vivo • Viver fora d'água fria •
Como poderei viver • Sem a tua companhia • Os pastores desta aldeia • Já me fazem
zombaria • Por me ver andar chorando • Sem a tua companhia • O rio Jequitinho-
nha • Corre de noite e de dia • Só o tempo é que não corre • Sem a tua companhia



Do Rio
ai
o
nti d
adotada
ca
qua
meio d
ha *Logu*



Athos Bulcão

Oscar Niemeyer

Adolpho Bloch

Márcia Kubitschek

Alexandre Garcia

Silvio Caldas

Marianne Peretti



Reconhecimento

a todos os que
participaram
e tornaram possível
o sonho e a obra de
D. Sarah Kubitschek

MEMORIAL JK



VISITAÇÃO

DE TERÇA FEIRA A DOMINGO,

DAS 9 ÀS 18 HORAS

EIXO MONUMENTAL, LADO OESTE

PRAÇA DO CRUZEIRO. CEP 70 002 900

TELEFONES 226 7860 E 225 9451

WWW.MEMORIALJK.COM.BR

MEMORIAL
Jk



MINISTÉRIO
DA CULTURA